



Há 25 anos, quatro golos do capitão Manel ajudam o Sporting a desfazer o Benfica. O i foi ter com o herói a Alcochete para ver a bola

Ora então muito bem, estamos em 1986... O que de tão especial acontece nesse ano? Puxamos pela cabeça e lembramo-nos de episódios do arco da velha como o golo do século de Maradona à Inglaterra de Bobby Robson no Mundial do México ou o nascimento de Messi na Argentina. E por cá? Bem, em Portugal, já ninguém se entende, senão veja bem.

Em Março, o Benfica dá 5-0 ao Sporting na Luz, para os quartos-de-final da Taça de Portugal. Um mês depois, na penúltima jornada da 1ª divisão, o Sporting surpreende o vizinho (2-1), com a primeira vitória na Luz desde 1965 e entrega de bandeja o título de campeão nacional ao FC Porto, que assim se sagraria campeão europeu no ano seguinte.

Já chega? Não, nada disso. Em 1986, ainda há espaço e tempo (olá se há) para a mãe das goleadas dos tempos modernos. O sete-um. Quem vai ao estádio, lembra-se de todos os detalhes, como o Filipe e o António, jornalistas do i (ver ao lado). Quem não vai, também não se salva das memórias – seja ele veterano, miúdo ou ainda um projecto de pessoa. O sete-um é daqueles jogos imperdíveis, com data marcada como se fosse um dia de aniversário: 14 de Dezembro de 1986.

Nessa tarde chuvosa, um dilúvio de golos em Alvalade. Ao intervalo, só 1-0. No final, 7-1. É o dia dos Manéis. Com Manuel José no banco, o primeiro grande homenageado da tarde é Manuel Marques, o popular massagista do Sporting, que se junta à equipa na foto da praxe. Ironicamente, outro Manuel Marques, o Manecas do Lenço, faz a sua despedida oficial numa estonteante vitória dos leões sobre o archi-rival (6-1 em 1947).

No final do jogo, a bancada dos adeptos benfiquistas, que só vê dois golos (o 1-0 de Mário Jorge e o 2-1 de Wando), está repleta de bandeiras queimadas, cartões de sócios no chão e almofadas rasgadas. Carlos Manuel, a locomotiva do Barreiro, faz rewind. “Houve alturas em que havia oito jogadores do Benfica e apenas um do Sporting dentro da área e a bola ia parar ao do Sporting! É daqueles jogos que acontecem de 50 em 50 anos!”

O defesa-central Dito também afina pelo mesmo. “A goleada não se explica, sofre-se. Jogámos da mesma maneira de sempre, com marcação à zona, mas o Sporting foi mais forte. Nada a dizer sobre a justiça do resultado”

Para Rui Águas, a goleada é dura de aceitar. “Primeiro, perdemos a Supertaça para o FC Porto [4-2 na Luz]. Quando ainda estávamos a recompor dessa derrota, fomos goleados pelo Sporting. Naquele tempo, a opinião pública e a imprensa não eram tão agressivos como agora, mas mesmo assim sofremos bastante.”

Convidado especial desse jogo é Marlon Brandão. Artista da bola no Brasil, com a camisola do Santa Cruz, o número 10 chega a Lisboa para assinar pelo Sporting. “Era para aterrar na terça-feira mas o Sporting insistiu tanto, mas tanto, para que chegasse a tempo de ver o dérbi, que não dormi durante duas noites entre viagens de avião e saí do Brasil sem a família saber.” Bem vistas as coisas, desde a tribuna VIP, o que dizer desse dérbi? “Fiquei impressionadíssimo com o Sporting, até porque o Benfica era uma equipa de fama mundial.”

Feitas as apresentações, o i fala agora com o herói. Quando Vítor Correia apita para o final, o lateral-direito Gabriel é o primeiro a apanhar a bola de jogo mas não resiste aos argumentos de Manuel Fernandes, seu superior hierárquico na condição de capitão. “Disse-lhe que a minha filha Cláudia fazia dois anos nesse dia. Queria dar-lhe a bola como uma prenda. Já passaram 25 anos e a bola lá continua na casa dela, e bem tratada.” É verdade, sim senhor. O i encontra-se com Manuel Fernandes em Alcochete e tira a prova dos nove. Perdão, dos sete. Ou melhor, dos quatro (golos do Manel).